

BÉJART COREÓGRAFA

Uma das peças do figurino de 'Le Presbytère n'a Rien Perdu de Son Charme, ni le Jardin de Son Éclat': criações de Gianni Versace



O estilista e o coreógrafo são parceiros em dez trabalhos: o primeiro foi realizado em 1983

Artista faz balé com palavras

Maurice Béjart tem uma atuação ampla, produzindo também livros, óperas e filmes

Béjart não é apenas coreógrafo e diretor do Béjart Ballet Lausanne. Escreveu romances, dois livros de memórias, criou óperas, fez filmes.

Para ele, todavia, tudo gira sempre em torno da dança. "Meus livros são balés de palavras, imagens, impressões, cadências, ritmos, conhecidos junto com as minhas coreografias", diz Béjart. "Mathilde, que foi o princípio um romance, virou um balé; La Mort Subite, em que misturo o diário do meu pai com o meu, como que continuei Mathilde ou, talvez, para mim, a cronologia não existe." Estes dois textos, segundo ele, são dois balés de amor, de esperança e de alegria. "Mas, com relação aos balés, não escrevo jamais argumentos como preâmbulos; a música dirige-me, os corpos inspiram-me e no estúdio, no palco, as formas surgem, as relações nascem e o balé faz-se pele e som." Muito depois, com a obra terminada, ele escreve um texto que parafraseia o movimento com um outro "balé de palavras". Ele mesmo classifica a sua pro-

O Béjart Ballet Lausanne estreia hoje no Teatro Municipal de São Paulo e traz para o Brasil trabalho criado em homenagem a Jorge Donn e Freddie Mercury, com figurinos de Gianni Versace

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Estreia hoje, às 20h30, no Teatro Municipal de São Paulo, a turnê brasileira do Béjart Ballet Lausanne. A companhia dançará dois programas diferentes. No primeiro, que repete amanhã no mesmo horário, mostra três coreografias: *Barroco Bel Canto*, especialmente criada para o Brasil, e mais *O Mandarim Maravilhoso* e *Mallarmé III*. Na quinta-feira e no sábado, também às 20h30, e no domingo, às 17 horas, Béjart apresenta o que criou para Jorge Donn e Freddie Mercury, dois artistas que se admiravam e morreram de aids aos 45 anos: *Le Presbytère n'a Rien Perdu de Son Charme, ni le Jardin de Son Éclat*.

Para quem não conhece Béjart, o primeiro programa é, com certeza, a opção menos dolorosa. Em *Barroco Bel Canto*, tem-se o Béjart de hoje, o rei das misturas kitsch. Em *O Mandarim Maravilhoso* vem o Béjart que vive na música de Bartók uma dramaturgia em gestos. Em *Mallarmé III*, é o Béjart que busca — embora sem sucesso — aquilo que Boulez fez na sua partitura. Boulez falou de música fazendo música. Béjart tenta compor para dentro da dança, mas percebe a dificuldade em realizar a sua intenção: "É uma obra não figurativa, baseada exclusivamente nas relações da música e do gesto", explica. "Mas a poesia subjacente, que é a base da inspiração musical, transforma constantemente o interior do universo abstrato da dança e lhe doa um esplendor insólito."

Mallarmé III, criado em 1973, nasceu como *Improvisations sur Mallarmé*. Dois anos depois, passou a ser uma das cinco partes de *Pi Selon Pi*, homônimo da partitura de Boulez que emprega, com cenários e Roger Ferrant. O título *Pi Selon Pi* Boulez tirou do último verso da primeira estrofe do poema *Remémoration D'Amis Belges*, de Mallarmé. "Mallarmé III foi criado no Festival de Shiraz e Tombeau, alguns meses depois, em Bruxelas", conta o coreógrafo. *Don, Mallarmé III e II* foram criadas para a Europalia 1975 France. "Foi assim, uma a uma, que a imagem coreográfica daquela obra musical de Pierre Boulez foi tomando a forma do meu *Pi Selon Pi*, da mesma maneira que o orvalho se dissolve, deixando perceber as pedras de Bruxelas."

O *Mandarim Maravilhoso* tem música de Bartók, cenário de Frapin e figurinos de De Giorgi. Estreou em Lausanne em 3 de dezembro de

1992, com Gil Romain, o atual centro da companhia, entre os cinco principais.

Barroco Bel Canto, uma estreia mundial, mistura partituras muito conhecidas e pouco conhecidas do período. Para Béjart, além das coincidências da letra "B" de barroco, Bach, Bel Canto, Brasil e Béjart, o nosso país evoca-lhe essa época histórica.

Já *Le Presbytère n'a Rien Perdu de Son Charme, ni le Jardin de Son Éclat* não tem apenas um nome enorme. A sua coleção de clichês é também assustadoramente extensa. Mas o que esperar de uma criação que escolhe a, digamos, música do Queen e a tempera com respingos de Mozart? A indigestão já se anuncia ali.

O abuso da literalidade como recurso dramático entedia. Na sucessão de canções do Queen, a coreografia assume o irrelevante papel de algo próximo a um audiovisual.

O grande problema do Béjart coreógrafo, hoje, é o mal entendimento do que seja "texto" e "ornamento" em dança. Quando cita um gesto de Freddie Mercury, ou o próprio Groucho Marx, ou a morte, ou a aids, ou o nascimento, ou qualquer uma das centenas de imagens triviais que reúne nessas obras, as transplanta sem transcrições.

Qualquer transplante, para dar certo, implica uma premissa inegociável: que se confira a adaptabilidade entre os tecidos. No nosso caso, sendo "tecido de dança", tudo o que vier de fora precisa ser transcrito dentro dele, com as suas regras estruturais. Não basta ser alocado lá para funcionar.

O discurso béjartiano é, hoje, redundante. Nas suas mãos, a dança é veículo de emoções trazidas da literatura e de audições musicais impressionistas. O seu trabalho colabora para que a dança seja vista como aquilo que se comunica pelos discursos que agrega.

Só mesmo lembrando Pushkin, que já havia escrito que "o gênio é amigo dos paradoxos", para não deixar órfãos todos os que descobriam a dança pela sua cabeça. Pois foi Béjart quem, a partir dos anos 60, mudou a escala da dança. Fez dela uma arte popular e deixou rastros em coreógrafos do mundo inteiro.

Mas, como Augusto de Campos chamou atenção, recentemente, em excelente artigo sobre o minimalismo e as vanguardas musicais, "os caminhos da arte, porém, não se perdem em poucos anos ou em poucas décadas, nem são ditados pelo voto majoritário".

1963; *A Tentação de Santo Antônio*, 1967; *Castro Diva*, 1980, com figurino de Miyake; *Les Plaisirs de L'Échanson*, de Molière, 1980; *La Muette*, 1981; *Cinq Nô Modernes*, de Mishima, 1984.

Óperas: *A Viúva Alegre*, 1963; *O Morcego*, 1985.

Comédia musical: *Os Pássaros*, em colaboração com Philippe Dastoy.

Filme para tevê: *Le Danseur*, 1968, para a TV francesa, com Rosella Hightower, Laura Preney e Donn; *Je Suis Né à Venise*, 1977, com Donn e o próprio; *Je T'Aime, Tu Dances*, de François Weyergans, 1977, com Rita Poelvoorde, Bertrand Pie e Béjart; *Paradoxe sur le Comédien* (a partir de Diderot), 1991, para a tevê francesa.

Os ingressos para assistir ao Béjart Ballet Lausanne custam de R\$ 120,00 (setor I) a R\$ 20,00 (setor V). As assinaturas reúnem os espetáculos de terça quinta-feira, ou os espetáculos de amanhã e sábado, e custam entre R\$ 200,00 (setor I) e R\$ 30,00 (setor V). (H.K.)

Entre suas obras literárias estão romances e dois livros de memórias. Memórias: *Um Instante na Vida do Outra*, Flammarion, 1979; *La Vie de Qui?*, Flammarion, 1996.

ENTRE SUAS OBRAS LITERÁRIAS ESTÃO ROMANCES E DOIS LIVROS DE MEMÓRIAS



Malha com bandeira inglesa: homenagem ao líder do Queen



Cena do balé 'Le Presbytère': a extensa coleção de clichês



Criação com canções do Queen: coreografia como um audiovisual

E VERSACE VESTE



Uma das criações para o balé: um desafio



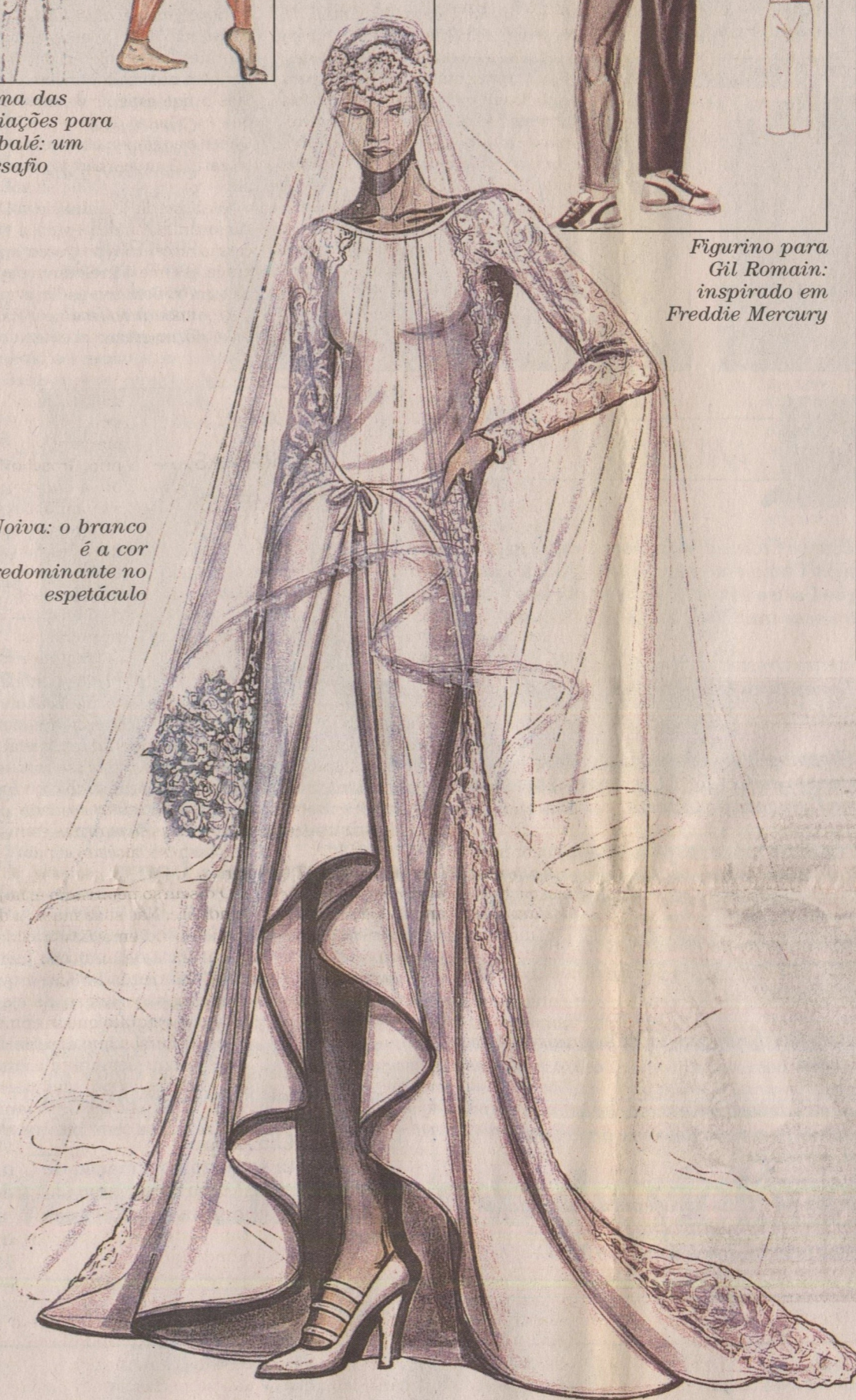
Figurino para Gil Romain: inspirado em Freddie Mercury



Um dos sensuais vestidos usados no balé (acima) e o manto vermelho debruado de pele (ao lado) que veste Gil Romain: reprodução do que foi de Freddie Mercury



Noiva: o branco é a cor predominante no espetáculo



Estilista cria mais de cem modelos para a companhia

Para fazer os figurinos de 'Le Presbytère', sua décima parceria com Béjart, Versace conta que preferiu "deixar o amor, a morte e a coragem falarem por si"

LILIAN PACCE
Especial para o Estado

É o italiano Gianni Versace quem assina o figurino de mais de cem modelos para o balé *Le Presbytère n'a Rien Perdu de Son Charme, ni le Jardin de Son Éclat*, que Maurice Béjart apresenta no Teatro Municipal. Esse é o décimo trabalho da parceria Versace/Béjart, que começou em 1983 com o espetáculo *Mallarmé ou la Métamorphose des Dieux*, do qual Versace tem "especial lembrança", segundo declarou ao Estado em entrevista de seu escritório, em Milão.

Le Presbytère é uma homenagem a Jorge Donn, bailarino e parceiro de Béjart, e ao cantor Freddie Mercury, do grupo Queen, ambos vítimas da aids. "Donn era um bailarino maravilhoso, de um profissionalismo indiscutível,

além de ter grande carisma e forte personalidade; seu *Bohemian Rhapsody* era enviado por fax.

Ao assistir aos ensaios, Versace decidiu que seu trabalho enfatizaria a personalidade dos bailarinos. "A mistura de emoções (alegria, dor, amor) que senti enquanto aqueles jovens dançavam foi se transformando em desafio", lembra ele. "Como criar um figurino para um balé que parecia perfeito apenas com aquelas roupas de ensaio? Qualquer adorno extra seria supérfluo e eu preferi deixar o amor, a morte e a

coragem falarem por si", afirma Versace, que completou 50 anos em dezembro.

Difícil imaginar tanto despojamento em um estilista conhecido por sua atração pela sensualidade e pelo luxo, que ele sabe ostentar como ninguém em sua moda. A variedade desse figurino é imensa. São mais de cem modelos para quase 30 bailarinos.

ESPECTÁCULOS
DÉ BOB
WILSON
TAMBÉM
GANHARAM
MODELOS
DELE

O branco predomina no espetáculo, quebrado às vezes por cores fortes. Algumas roupas de Gil Romain, bailarino principal e diretor-adjunto, são reproduções das usadas por Freddie Mercury, como o manto vermelho debruado de pele. Em outro quadro, ele surge com redingote sobre camisa aberta e uma bota-calça que traz no salto-plataforma um monitor de vídeo. "Esse tipo de trabalho permi-



Luxo: modelo de seda e organza



Naomi: desfilando para Versace

te-me explorar e experimentar, em profunda pesquisa, as ligações possíveis entre arte e artesanato", diz Versace.

Império — Versace lançou sua grife de prêt-à-porter em 1978 e hoje possui um império de mais de US\$ 1 bilhão, que reúne também as marcas Istante, Versus (linha jovem), Signature (clássica), Atelier Versace (alta-costura) e Home (casa e decoração), associado ao irmão Santo e à irmã-mãe Donatella, que aparece no anúncio do perfume *Blonde*. Suas campanhas publicitárias são notórias desde o início, quando levavam assinatura exclusiva do fotógrafo Richard Avedon. Madonna chegou a protagonizar uma delas, antes de ficar grávida. Entre seus clientes fiéis estão o casal Hugh Grant e Elizabeth Hurley, o ator Jean-Claude Van Damme, o

cantor Elton John e Sarah Ferguson. Além do trabalho com Béjart, retratado no filme *The Fortune of a Friendship*, Versace criou figurinos para a turnê de 1992 de Elton John e para espetáculos de Bob Wilson (*Salomé* e *Doktor Faustus*), William Forsythe (*Herman Schermerman*) e Twyla Tharp (*How Near Heaven*), um de seus trabalhos preferidos. Essas parcerias lhe valeram duas luxuosíssimas edições de *Versace Teatro*, publicadas por Franco Maria Ricci. Já na série *Vanitas* ele mostra seu mundo de mansões, música, teatro e dança, habitado por beladões esculturais, nos livros *Lo Stile dei Sensi* (1991), *South Beach Stories* (1993), *Designs* (1994), *Men Without Te* (1994), *Do Not Disturb* (1995) e *Rock and Royalty* (1996).